

A Descolonização do Corpo e da Mente: uma análise do ‘eu’ na obra de Jamaica Kincaid

Doutoranda Márcia Maria Oliveira Silva¹ (UFPE)

Resumo:

A escrita de Jamaica Kincaid é, como ela mesma diz, um forma de resgate. Este trabalho surge com o objetivo principal de analisar a obra dessa escritora caribenha com o intuito de compreender sua narrativa como uma busca por libertação; para essa análise utilizamos os livros ‘Annie John’ (1985), ‘A Small Place’ (1988), ‘Lucy’ (1990), ‘At the Bottom of the River’ (1992) e ‘The Autobiography of My Mother’ (1996). A escrita feminina pode ser encarada como uma promoção ao desejo pela descolonização do corpo e da mente, nesse cenário a figura do ‘eu’ – tão comum nos textos de Kincaid – aparece como tentativa de ter voz e de inscrever sua própria história; os textos kincaidianos apresentam-se num cenário dinâmico, nele percebe-se uma visão intimista do universo das personagens, que estão num fluxo constante, num verdadeiro entre-lugar; por essa razão esses textos mostram uma reflexão abrangente acerca das relações hierarquizantes vivenciadas pelo sujeito contemporâneo (homem-mulher, negro-branco, colonizador-colonizado).

Palavras-chave: Jamaica Kincaid, identidade, descolonização

1 Introdução

A literatura – assim como a sociedade como um todo – durante muito tempo foi controlada pela hegemonia patriarcal e por essa razão a mulher sempre exerceu um papel coadjuvante, enquanto o homem correspondia ao sujeito da escrita, a mulher era objeto da mesma (SCHABERT, 1995). Uma das principais consequências das modificações ocorridas a partir de 1960 em relação ao estudo da literatura é justamente a criação de um lugar em que o universo feminino é traduzido e a representação da mulher é modificada. A escrita feminina é comumente usada como forma de criar um espaço propício para a manifestação da mulher frente a uma realidade inferiorizante e constrangedora, sendo assim a literatura produzida por mulheres pode muitas vezes indicar uma procura por uma identidade que se desenvolva de forma livre, libertando-se do jugo patriarcal através da subversão do discurso hegemônico.

Os textos da escritora caribenha Jamaica Kincaid apresentam-se como um exemplo claro da busca por legitimização da voz silenciada pela opressão. Eles são o meio pelo qual a escritora trabalha as inúmeras tensões vivenciadas por ela ao longo da vida, são a prova que é possível se fazer ser ouvida. Mas esses textos também revelam a contradição que fez parte da trajetória de Kincaid, segundo Davies “*The mystified notions of home and family are removed from their romantic, idealized moorings, to speak of pain, movement, difficult, learning and love in complex ways*” (1994, p. 21)¹, a leitura da obra kincaidiana demonstra toda sua complexidade através da abordagem tão intimista dos sentimentos conflitantes das personagens, que necessitam lutar contra diversos assuntos problemáticos, como o lugar que ocupam – na família e na sociedade. São as tensões vividas e escritas em suas obras que revelam a desmistificação da realidade outrora representada como algo homogêneo, universal.

Para Stuart Hall “as culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade

¹ Todas as traduções contidas nesse trabalho são de nossa responsabilidade: “As noções mistificadas de casa e da família são retiradas de suas amarrações românticas, idealizadas, para fala-se de dor, de movimento, de dificuldade, aprendizado e amor em formas complexas”

distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.” (2003, p. 89) Jamaica Kincaid é fruto de uma vivência ambivalente e contraditória que vem desse contexto híbrido. Nascida em 1949 na ilha de Antígua Elaine Potter Richardson (que mais tarde adotaria o nome Jamaica Kincaid) mudou-se para os Estados Unidos com o intuito de melhorar as condições de vida. Com apenas dezessete anos, Kincaid precisou aprender sozinha a lidar com questões referentes à identidade, à família, à posição da mulher, etc. Para entendermos sua obra é preciso reconhecer a importância do afastamento da família e da terra natal; é a partir de sua nova realidade enquanto indivíduo migrante que a escritora caribenha encontrou forças para desenvolver-se. Depois de abandonar o curso de enfermagem e dar prioridade a outras atividades (como a fotografia) Kincaid passa a escrever, promovendo em sua uma forma de se resgatar, para ela “*If I hadn’t become a writer I don’t know what would have happened to me: that was a kind of self rescuing*”²; por essa razão as temáticas apresentadas nos textos revelam-se tão interessantes, elas explicam a trajetória da própria autora como indivíduo.

De fato, uma vez que a necessidade de expressar-se explica a essência da narrativa kincaidiana, fica claro que o uso do ‘eu’ é, a maneira como a escritora inscreve, num primeiro plano, ela própria no mundo, e, em seguida, imprime em suas personagens o desejo de ser responsável por suas vidas, ter o direito de fazer suas escolhas e, mais importante, poder contar suas histórias. O constante uso de narrativas em 1ª pessoa serve para legitimar as personagens – sempre mulheres – e legitimar suas próprias experiências. Ao lado do discurso do ‘eu’ também é facilmente identificada a busca das personagens por liberdade, para que ela se concretize é necessário promover uma descolonização. Se a colonização se fundamenta pela ideia de que “o colonizado é um débil” e a postura do colonizador “sugere com isso que tal dependência reclama proteção” (MEMMI, 1989, p. 79) as personagens precisam provar para elas mesmas que são capazes de serem independentes, nesse sentido Justin Edwards (2007) fala que os dois temas principais da obra kincaidiana são a desigualdade de gênero e as consequências da colonização. A descolonização do corpo e da mente das personagens passa, necessariamente, pela maneira como elas lidarão com essas duas questões.

2 A Descolonização do corpo e da mente como forma de libertação

De acordo com Gayatri Spivak (1988) o subalterno é aquele que não participa, ou participa muito pouco do sistema imperialista colonial (acrescentamos também a esfera patriarcal a esse contexto), sendo assim a condição de subalternidade é o silêncio, a perda de voz. Consideramos que os textos de Jamaica Kincaid – independentemente do gênero utilizado – são um exercício para vencer o silêncio oriundo da subalternização do sujeito pós-colonial (no caso de Kincaid é preciso ainda considerar uma subalternidade que também tem a ver com o fato da escritora ser mulher e ser negra). Dessa forma o universo kincaidiano se apresenta ao leitor como um espaço de batalhas contínuas que são travadas no desenvolvimento da narração com o intuito de criar uma postura de resistência ao sistema hegemônico.

A escrita de Kincaid está intimamente ligada ao desejo de ter voz, e em alguns de seus textos é possível encontrar os dois lados da moeda: de um lado encontramos o desconforto em relação ao apagamento da história e ao corte à fala, e de outro temos personagens que trilham um caminho que as distancia do silêncio proporcionado pela realidade colonial/patriarcal. O conto *Blackness*, que está presente na coletânea de dez contos intitulada *At the bottom of the river*, apresenta alguns dos conflitos vividos pelas personagens kincaidianas que precisam fugir da escuridão. Em primeiro lugar nota-se nesse conto o sentimento da protagonista que sente que ser ser, sua história está sendo apagada completamente. É fácil perceber que, como o próprio título sugere, a personagem se

² “Se eu não tivesse me tornado uma escritora não sei o que teria acontecido comigo: isso foi uma forma de autorresgate”

encontra envolvida numa escuridão, a mulher vive uma angústia que traduz o fato dela sentir-se completamente apagada, distanciada dela mesma e da sociedade que está ao seu redor.

Quando a personagem – sem nome – fala da falta de luz que envolveu sua vida se segue o relato de um sonho bastante significativo. Segundo ela homens entravam em sua casa carregando armas e provocando a destruição de seu lar; relacionando esse sonho com os sinais traumáticos da colonização britânica podemos criar um paralelo da falta de luz na casa com a falta de luz na história do povo colonizado, que é totalmente destruída. Como mencionamos acima Spivak fala da não possibilidade de fala àquele que é subalterno e no conto analisado o silêncio faz-se presente a todo momento. A personagem vive na voz do silêncio: “*I hear the silent voice – how softly now it falls, and all of existence is caught up in it. Living in the silent voice, I am no longer ‘I’.*”³ (KINCAID, 1992, p. 52) Essa realidade faz com que a personagem não seja capaz de enxergar o que está ao seu redor, provocando uma depressão profunda que está ligada com a crueldade e opressão da experiência colonizadora.

Como nos lembra Homi Bhabha “*The colonial stereotype is a complex, ambivalent, contradictory mode of representation*”⁴ (1983, p. 22) e as personagens kincaidianas devem aprender a habitar essa realidade a fim de desconstruí-la. Para que a desconstrução do estereótipo possa ser realizada de fato a trilogia temática formada pelos romances *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of my mother* apresenta um posicionamento diferente em relação à personagem do conto *Blackness*, que não tinha forças para tornar-se visível novamente.

No romance *Annie John* a personagem inicia sua jornada bastante jovem e passa por sentimentos conflitantes, em especial em relação à mãe. Annie participa de um processo de aprendizagem bastante doloroso, nele o desenvolvimento da identidade caminha lado a lado com uma postura de rebeldia da protagonista; essa rebeldia estende-se em três instâncias: primeiramente temos a questão familiar que é centralizada na figura materna, Annie começa a perceber que sua mãe é uma ferramenta para a perpetuação da opressão; no âmbito escolar temos uma realidade de ensino que prioriza a história do colonizador, excluindo totalmente a história do colonizado; por último é possível apontar a vivência social, em suas diversas relações, pois é a partir do convívio com os demais que a internalização de valores se concretiza.

Annie faz uma reflexão profunda sobre as diferenças entre ela e sua colega de classe de origem britânica, para a personagem: “*Her ancestors had been the masters, while ours had been the slaves*”⁵ (1985, p. 76), nessa conjectura só resta à Annie subverter o sistema que continua a glorificar o passado do colonizador em detrimento ao passado do colonizado. A alternativa encontrada para fugir da perspectiva colonizante é através da diáspora. De acordo com Edmondson (1999) o exílio é uma busca por distância e objetividade em relação à terra natal, no fim do romance vemos uma Annie que apesar de não querer sair de sua terra natal afirma que essa é a única forma de ser livre.

A experiência marcante da diáspora também está presente em *Lucy*. Nesse romance a personagem já se encontra nos Estados Unidos e precisa aprender não só a viver nesse novo lugar, mas necessita ainda encontrar seu espaço, é um busca por pertencimento que gera uma série de reflexões sobre o passado na terra natal e o futuro no país receptor. Lucy não tinha intenção de voltar para casa, no entanto deixa claro que é lá onde estão suas raízes: “*The ground would refuse me. To die in the cold was more than I could bear. I wanted to die in a hot place. The only hot place I knew was my home. I could not go home, and so I could not die yet.*”⁶ (KINCAID, 1990, p. 141)

³ “Eu escuto a voz do silêncio – quão suavemente cai agora – e toda existência é absorvida nela. Vivendo na voz do silêncio eu não sou mais ‘eu.’”

⁴ “O estereótipo colonial é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório”

⁵ “Os ancestrais dela tinham sido os mestres, enquanto os nossos tinham sido os escravos”

⁶ “O chão me recusaria. Morrer num lugar frio era mais do que eu podia suportar. Eu queria morrer num lugar quente. O único lugar quente que eu conhecia era meu lar. Eu não podia voltar para casa, e por isso eu não podia morrer ainda”

Esse sentimento dúbio da personagem revela a dificuldade que o ser migrante enfrenta em seu processo de socialização.

É interessante notar que a identidade de Lucy se desenvolve não apenas levando em conta o processo migratório vivido pela personagem desde o início da narrativa; o afastamento da mãe, que é vista como propagadora do discurso patriarcal e de tudo que ele representa, também faz parte das questões que Lucy precisa resolver. Outro ponto fundamental para entender essa personagem é a forma como ela explora a sexualidade em benefício próprio, pois o corpo pode ser usado como instrumento de libertação da mulher (BEAUVOIR, 1980; MONTEIRO, 1984). Essa libertação envolve a quebra de paradigmas e tabus que envolvem a vida da mulher no aspecto íntimo e também do ponto de vista familiar e social.

A protagonista Xuela – de *The Autobiography of my mother* – é a única personagem dos romances analisados que precisa crescer e desenvolver sua identidade sem a figura materna (que morre no parto). Mesmo com a condição de órfã a mãe aparece na narrativa como algo central para a trajetória de Xuela, tanto no que diz respeito aos laços familiares quanto à questão dos laços com a terra natal. Segundo Tai Moises a personagem desse romance é um símbolo dos efeitos cruéis da colonização:

*Xuela builds her self-identification on her body, touching her genitals, smelling her sexual smell, and making love. Her rebellious attitude of self-determination creates a sensual order of knowledge which aims at the subversion of Caribbean in-betweenness, the decolonization of mind and body, by appropriating internalized colonial shame and inverting it into a means of self-definition [...].*⁷
(2003, p. 160)

O pai de Xuela aparece nessa conjectura como sendo um símbolo do colonizador, mesmo tendo parte do sangue do colonizado ele prefere assumir a postura de dominador, para a protagonista desse romance ele é responsável pela exploração da nação/mãe, e a partir dele não só a presença da mãe deixa de existir como também a sua história é apagada. A forma que Xuela encontra para recuperar a história da mãe é através da memória; pelo processo de rememoração (BHABHA, 1998) em que o passado é problematizado a fim de entender o presente Xuela é capaz de descolonizar a figura da mãe (e num macro-contexto, a nação).

A busca de Xuela passa pelo desejo de liberdade, nesse sentido ela afirma que “*I carried my own life in my own hands*”⁸ (KINCAID, 1996, p. 83), a liberdade pessoal desenvolve-se pela maneira com que Xuela vê o pai, sempre apresentando uma postura crítica em relação às atitudes paternas, pois entende que ele usa de sua autoridade para humilhar os outros. A liberdade dessa personagem também passa pelo nível mais íntimo: assim como em *Lucy*, sexualidade é encarada por Xuela com naturalidade, para a personagem “*The impulse to possess is alive in every heart (...), some people choose husbands, I choose to possess myself*”⁹ (idem, p. 173-174).

Dos textos analisados apenas *A Small Place* não é ficção. Ele é um texto-ensaio que tem uma narração endereçada a um contexto específico. Já no início do texto Kincaid deixa claro: “*If you go to Antigua as a tourist*”¹⁰ (KINCAID, 1988, p. 3). A partir daí a narrativa promove uma reflexão sobre os efeitos da colonização de sua terra a longo prazo, a escritora caribenha fala de forma muito

⁷ “Xuela constrói sua auto-identificação no seu corpo, tocando suas genitais, sentindo seu cheiro, fazendo amor. A atitude rebelativa dela de auto-determinação cria uma ordem de conhecimento sensual que almeja a subversão da intermedialidade caribenha, a descolonização da mente e do corpo, pela apropriação da vergonha colonial internalizada e invertendo-a em um meio de auto-definição [...].”

⁸ “Eu carrego minha vida em minhs próprias mãos”

⁹ “O impulso de possuir está vivo em todo coração (...) algumas pessoas escolhem maridos, eu escolhi possuir a mim mesma”

¹⁰ “Se você for à Antígua como um turista”

contudente sobre a pobreza de seu povo e coloca o turismo como sendo um império de negócios, nesse império sua terra natal é novamente explorada. A exploração promovida pelo turismo revela-se como uma nova forma de colonização, nela os turistas são considerados mestres, enquanto os nativos continuam sendo os escravos.

Em certo momento a narração passa a ser feita em primeira pessoa com um tom ainda mais forte, nesse momento a escrita parece ‘gritar’ contra o apagamento da história, o empobrecimento do lugar e das pessoas que lá vivem, a migração quase forçada daqueles que não encontram outra alternativa para melhorar de vida, a falta de estrutura (comprovada pela inexistência de uma biblioteca e pelas más condições do hospital do país). Mais uma vez Kincaid consegue ir fundo na ferida quando ela compara a situação dos povos nativos e dos turistas. Segundo ela os nativos são pobres demais para viajar, há uma impossibilidade de se tornarem turistas e, dessa forma, poder conhecer outros lugares. Em contrapartida os turistas que chegam à ilha – geralmente ingleses e norte-americanos – não conhecem nada do lugar, só estão interessados em saber as reais condições dos povos que lá vivem.

Com experiência pessoal em inúmeras questões presentes na sua obra Kincaid apresenta-nos um objetivo bem claro no que diz respeito à necessidade de libertar-se do discurso opressor – seja do discurso patriarcal seja do discurso colonial. Ao mencionar o termo descolonização temos em mente a ideia de que as protagonistas criadas por Kincaid visam a desconstrução de paradigmas que corroboram com uma realidade que hierarquiza as relações humanas, essa desconstrução torna-se importante porque “desconstruir um oposição é mostrar que ela não é natural nem inevitável, mas uma construção” (CULLER, 1999, p. 22) e a partir daí é possível entender que essa construção – que é social – pode ser combatida.

Roland Walter afirma que “o processo de colonização e dominação leva à fragmentação e alienação das pessoas” (2010, p. 16), o caminho perseguido pela escrita de Jamaica Kincaid transforma as personagens em agentes da descolonização a fim de lutar contra essa fragmentação e alienação. Ao referir-se a Xuela Walter afirma também que ela “estabelece uma ordem sensual de saber que tem como alvo a descolonização de sua mente e de seu corpo” (2009, p. 173); ampliamos essa concepção porque acreditamos que as personagens kincaidianas, estão de alguma forma e em algum grau, em busca dessa descolonização.

Conclusão

A escrita kincaidiana oferece uma visão privilegiada de questões que têm se tornado cada vez mais presentes num mundo global, em que mesmo na era da globalização o local ainda tem espaço e importância. De acordo com Trinh-MinhHa (1997) o fato de escrever fora de seu país de origem faz com que o escritor tenha uma visão dupla: de dentro para fora – visão do passado vivido – e de fora para dentro – visão do presente em terra distante.

Os textos analisados nesse trabalho revelam o interesse de Kincaid no que diz respeito à formação do indivíduo, a posição da mulher na sociedade que continua sendo patriarcal, a sexualidade como forma de libertação das amarras desse patriarcalismo, as tensões familiares como paralelo das tensões de cunho nacional, as dificuldades em desconstruir os discursos patriarcais e coloniais. Enfim, a descolonização proposta pela narrativa kincaidiana visa principalmente a conquista de libertação das personagens, que ao descolonizarem corpo e mente desconstroem o contexto hierarquizante que aqui se apresenta principalmente pela relação colonizador/colonizado, homem/mulher, branco/negro, mãe/filha.

Ao estabelecer um diálogo em torno da importância da identidade como peça-chave para a descolonização na obra de Kincaid (sendo ela própria um sujeito que busca na escrita uma identificação que ofereça uma vivência libertadora) procuramos demonstrar que o ‘eu’ de

Kincaid e o 'eu' da narração estão entrelaçados e dialogam como parte do processo para a recuperação do passado e a construção de um novo futuro. Através do entendimento da obra kincaidiana como uma ação de resgate compreendemos o universo kincaidiano enquanto espaço de libertação, promovido principalmente pelo ato de auto-descolonização.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BHABHA, Homi. *The Other Question: The Stereotype and Colonial Discourse*. Screen, 1983.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999.

DAVIES, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity: migrations of the subject*. London: Routledge, 1994.

EDMONDSON, Belinda. *Making Men: Gender, Literary Authority and Women's Writing in Caribbean Narrative*. Durham and London: Duke University Press, 1999.

EDWARDS, Justin. *Understanding Jamaica Kincaid*. South Caroline: Columbia, 2007.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KINCAID, Jamaica. *Annie John*. New York: Farrar Strauss and Giroux, 1985.

_____. *Lucy*. New York: Plume Contemporary Fiction, 1990.

_____. *Blackness in: At the Bottom of the River*. New York: Farrar Strauss and Giroux, 1992.

_____. *The Autobiography of My Mother*. New York: Farrar Strauss and Giroux, 1996.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Mariza Pinto Coelho. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MINHA-HA, Trinh. *Not You/Like You: Postcolonial Women and the Interlocking Questions of Identity and Difference*. In: *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial Perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

MOISES, Tai. *A motherless child rages*. In: *Jamaica Kincaid's searing 'Autobiography'*. <<http://www.metroactive.com/papers/metro/02.15.96/kincaid-9607.html>> Acesso em 10 de março de 2013.

MONTEIRO, Marli. *Feminilidade: o perigo do prazer*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1984.

SCHABERT, Ina. *Genus zur Geschlechterdifferenze in den Kulturwissenschaften*. 1995. IN:

MACHADO, Patrícia. *A escrita feminina*. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/escrita_feminina.htm>. Acesso em 15 de junho de 2013.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988.

i Márcia OLIVEIRA, doutoranda

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Centro de Artes e Comunicação – Departamento de Pós-graduação em Letras e Linguística

marcia_mmos@hotmail.com